

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1382 | 10/04/2017 a 16/04/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

OVINOCULTURA

MERCADO ABERTO

Produtores paranaenses se
organizam e carne de cordeiro
conquista consumidores



sistemafaep.org.br

Aos leitores

Antes restrita aos cardápios de almoços e ceias em datas religiosas, principalmente às vinculadas à tradição cristã, a carne de cordeiro vem ganhando mercados e conquistando consumidores. De olho nesse potencial, produtores paranaenses estão se organizando para ter capacidade para atender a demanda crescente. Ainda distantes do volume de carnes bovinas, suínas e de frango produzidas no país, os criadores buscam melhorias para entregar uma mercadoria que atenda as demandas de um mercado cada vez mais exigente.

Nesta edição, trazemos um resumo dos temas debatidos nas reuniões dos grupos técnicos, realizadas durante o Encontro das Comissões Técnicas e Líderes Sindicais, promovido pela FAEP.

Outra reportagem mostra como uma paixão vem salvando maquinários agrícolas de virarem sucata.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldí Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santoroza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon

Edição: Ricardo Medeiros

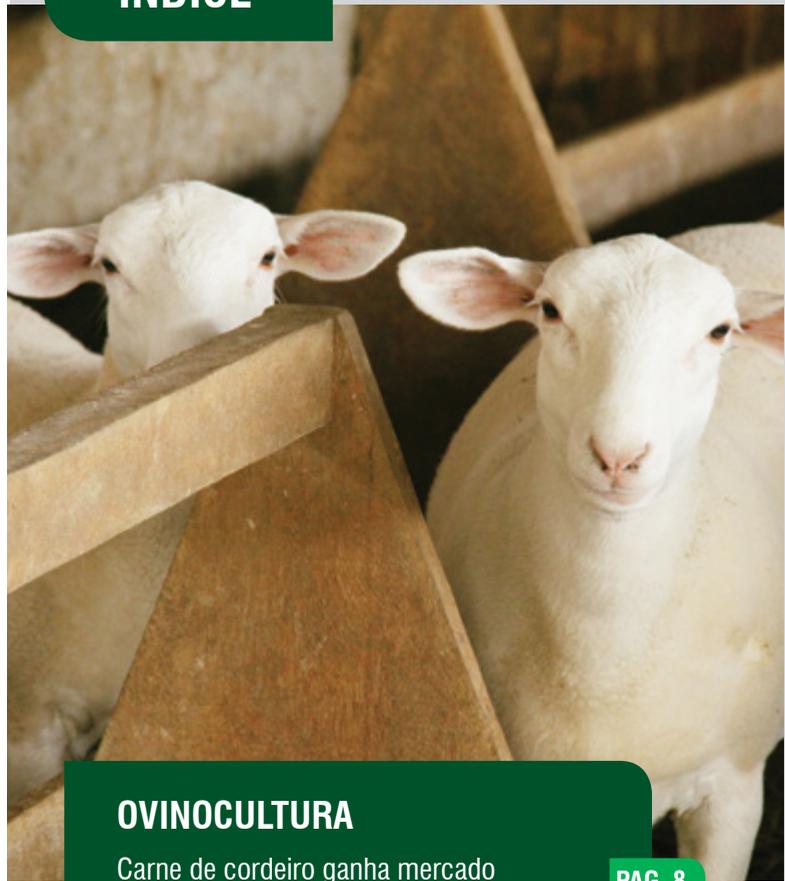
Redação e Revisão: Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho
Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figueira

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pode-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1382:

Fernando Santos, Felipe Santos, Milton Dória, Frank Hurley
Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE



OVINOCULTURA

Carne de cordeiro ganha mercado

PAG. 8

ENCONTRO DAS COMISSÕES

Resumo dos temas debatidos

Pág. 3

PLANTAS ORNAMENTAIS

Produção cresce, mas sofre com desorganização

Pág. 12

HISTÓRIA

A saga de um aventureiro na Antártica

Pág. 18

MEMÓRIA

Maquinários antigos são reformados em Palmeira

Pág. 20

Via de duas mãos

Reuniões das Comissões Técnicas da FAEP são importantes para receber as demandas do campo e apresentar aos produtores do Estado as ações que a Federação vem desenvolvendo



Com objetivo de ouvir as demandas dos representantes das principais cadeias produtivas do agronegócio paranaense, a FAEP realizou, no último dia 31 de março, em Curitiba, o Encontro das Comissões Técnicas e Líderes Sindicais. Na ocasião houve encontros das comissões técnicas de Grãos, Fibras e Oleaginosas; Hortifruticultura; Bovinocultura de Leite; Bovinocultura de Corte; Ovinocultura e Caprinocultura; Cafeicultura; Avicultura; Suinocultura, e Meio Ambiente.

As reuniões ocorreram após palestra do engenheiro agrônomo Alexandre Mendonça de Barros, da consultoria MB Associados, que abriu os trabalhos das comis-

sões com uma palestra sobre o cenário do agronegócio no Brasil e no mundo.

Segundo o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, os encontros das Comissões Técnicas são importantes, não apenas para elencar as questões mais relevantes de cada setor, mas porque servem como ponte de comunicação com os produtores, que podem trazer os temas mais urgentes que devem ser encampadas pela FAEP e pelo SENAR-PR. “Vocês ajudam a subsidiar a Federação com informações. Quando fazemos as coisas de forma organizada, ganhamos força e respeito”, afirmou.

Meio Ambiente



Na comissão de Meio Ambiente, um dos temas principais da reunião foi o aproveitamento dos dejetos para produção de biogás para geração de energia. Para discutir sobre este tema foi convidado o professor Jorge de Lucas, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Jaboticabal (SP).

Segundo ele, o déficit e a má distribuição de recursos serão entraves para garantir alimento, água potável e energia em um futuro próximo. Nesse contexto, a produção de bioenergia ganha importância adicional, pois pode ajudar a solucionar dois problemas simultaneamente: geração de energia

e destinação de dejetos ambientalmente correta. “O que hoje é um passivo ambiental, pode se transformar num agregador de renda”, afirmou.

A utilização de dejetos de animais para produção de biogás já é uma técnica utilizada, principalmente na região Oeste do Paraná. Apesar da maioria dos sistemas estar ligado à suinocultura (pelas características dos dejetos serem favoráveis à conversão em energia), existem iniciativas com bovinos e aves também.

Para Lucas, é preciso aproveitar esses resíduos orgânicos próximos de onde eles são gerados. “Você tem sobras de energia em todos os elos da cadeia produtiva, ela tem que ser aproveitada, não pode deixar que essa energia não utilizada chegue ao meio urbano, pois ali será perdido”, afirmou. Segundo ele, uma prova do desperdício desse potencial energético está no fato de que enterramos hoje 60% do lixo orgânico, que corresponde ao que é gerado nas cidades.

Lucas alertou ainda para o fato de que é preciso atentar para qual tecnologia deve ser usada em cada região. “A verdade ambiental em um ponto do país não é verdade em outro ponto”, observou. O mesmo vale para tecnologias de outros países que são trazidas para o Brasil. “Copiar os sistemas de fora, nem sempre é um bom negócio.”

Bovinocultura de Leite e Corte



Os trabalhos das Comissões Técnicas de Bovinoculturas de Corte e Leite envolveram um diagnóstico de três doenças que acometem os animais: febre aftosa, brucelose e tuberculose. O gerente de Saúde Animal da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Rafael Gonçalves Dias, fez uma apresentação sobre os programas oficiais de controle e erradicação destas enfermidades.

Segundo Gonçalves, somente 18 países no mundo são livres de tuberculose e brucelose. “Essa não é a realidade

da América do Sul”, destacou. O programa de controle e erradicação foi implantado no Brasil em 2001 e em 2003, no Paraná. Porém, apesar do combate à doença ter mais de uma década, o país ainda está na fase do controle. “Temos dificuldade para passar para a fase de erradicação”, diz o especialista. Posteriormente, ainda existe a fase de zona livre da doença.

Apesar das dificuldades, Gonçalves ressaltou o avanço do programa no Paraná. O número de propriedades que são submetidas aos exames de brucelose, por exemplo, aumentou nos últimos anos. Em 2014 foram 18,7 mil. No ano passado, o número saltou para 43,3 mil. No campo da tuberculose, o gerente da Adapar disse que o governo estadual já pagou mais de R\$ 7 milhões em indenizações aos produtores.

Porém, o tema que mais atraiu a atenção dos integrantes das Comissões foi a febre aftosa. Gonçalves destacou que o Estado continua avançando nos protocolos, com a construção de postos de fiscalização nas divisas com Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina para, futuramente, requisitar junto à Organização Mundial de Saúde Animal (OIE, sigla em inglês) o status de área livre da doença sem vacinação. “Parar com a vacinação tem que ser economicamente interessante, estrategicamente oportuno e politicamente sustentável”, definiu.

Cafeicultura



Uma das culturas mais tradicionais do Paraná, a cafeicultura enfrentou recentemente a possibilidade de entrada

de 60 mil toneladas de café conilon de outros países, autorizada pelo governo federal. A medida, que pretendia compensar uma suposta falta de estoques desta variedade, foi combatida pelos produtores brasileiros. Na opinião do presidente da comissão, Walter Ferreira Lima, não existiria a falta do produto. “O que existe é um interesse comercial da indústria para diminuir preço.” Essa questão ficou patente quando se verificou que os estoques no Espírito Santo e na Bahia eram superiores a 4 milhões de toneladas de conilon. “Além da questão comercial, existe o risco sanitário, com a importação de doenças de outros países”, alertou.

A reunião também debateu o seguro rural para a cultura, com a apresentação do especialista Luiz Antônio Digiovani, do grupo segurador BB e Mapfre, que apresentou duas modalidades de seguro para a cultura cafeeira, uma que protege a produção, e cobre o valor de custo, e outra que cobre o faturamento e protege a renda do agricultor.

Grãos



O trigo foi o tema central da reunião de Comissão Técnica de Cereais, Fibras e Oleaginosas. Na ocasião, o presidente do Sindicato da Indústria do Trigo do Estado do Paraná (Sinditrigo), Daniel Kümmel, trouxe dados sobre a produção do cereal e a situação atual do parque moageiro paranaense. “Queremos demonstrar a sinergia do campo com os moinhos”, afirmou.

Durante a abertura da reunião, o vice-presidente da Comissão e presidente do Sindicato Rural de Toledo, Nelson

Paludo, destacou a importância da cadeia do trigo no Estado e a necessidade de enfrentar os constantes desafios de produção e comercialização.

Hoje, o Paraná conta com 96 moinhos distribuídos estrategicamente próximos às regiões produtoras do cereal. A capacidade instalada de moagem é de 4 milhões de toneladas por ano. Além de ter boa qualidade, o trigo paranaense tem boas perspectivas com a segregação dos grãos por finalidade. Esta ainda não é uma prática corrente no Estado, mas em um futuro próximo será possível estreitar as relações entre a lavoura e as indústrias, produzindo as variedades de trigo para diferentes finalidades, como produção de pão, massas, bolachas etc.

Também foram apresentados durante a reunião dados do curso do SENAR-PR

“Inspetor em Campo de MIP”, que visa difundir o Manejo Integrado de Pragas (MIP) nas lavouras paranaenses. Outro tema da reunião foram as ações protagonizadas pela FAEP em relação ao Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) das culturas do trigo de sequeiro e da soja. Devido à nova metodologia empregada pela Embrapa, houve mudança de datas para o plantio em alguns municípios do Estado. O objetivo da Federação é corrigir distorções para não haver prejuízo aos produtores.

Avicultura e Suinocultura



A reunião conjunta das comissões de Avicultura e Suinocultura tratou de temas comuns às duas cadeias produtivas. Foram debatidas as ações encampadas pela FAEP no âmbito da Lei da Integração, para proteger os produtores integrados às agroindústrias. Nesse quesito é importante que os produtores conheçam e participem das Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs).

Hortifruticultura



A Comissão Técnica de Hortifruticultura recebeu o diretor-presidente do Ceasa-PR, Natalino Avance de Souza, que discorreu sobre o processo de modernização das unidades do Ceasa no Estado, que vem sendo conduzido de forma independente em cada localidade. Na ocasião, ele apresentou a situação das unidades de Curitiba, Londrina,

Cascavel e Maringá.

Também foi discutido na reunião o Mapeamento e Quantificação da Cadeia de Hortaliças no Brasil e o Projeto de Perdas e Desperdícios na cadeia de Frutas, Legumes e Verduras, ambos projetos idealizados pela Comissão Nacional de Hortaliças da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). As iniciativas visam dimensionar o tamanho do setor e quanto é desperdiçado ao longo da cadeia produtiva.

As culturas com suporte fitossanitário insuficiente “minor crops” também foram tema da reunião. O Paraná é referência neste assunto, servindo de modelo para outros estados. Em maio será realizado um novo levantamento das demandas para essas culturas.

A técnica do SENAR-PR Tamara de Araújo aproveitou a ocasião para apresentar a metodologia de atualização das capacitações de fruticultura da instituição, que deve oferecer cursos de longa duração, proporcionando aos participantes um maior aprofundamento técnico e prático da fruticultura.

Caprino e Ovinocultura



Na Comissão Técnica de Caprinocultura e Ovinocultura, a professora Alda Lúcia Gomes Monteiro, coordenado-

ra do Laboratório de Produção e Pesquisa em Ovinos e Caprinos (Lapoc) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), fez uma apresentação sobre as “Perspectivas para a ovinocultura paranaense”. Durante a palestra, a especialista apontou o crescimento no número de produtores e de animais, fatores fundamentais para a manutenção do crescimento da atividade no Estado.

Alda apresentou ainda o perfil das cinco principais cooperativas e/ou associações envolvidas com ovinocultura no Estado: Ovinoforte, Coopegera, Cooperaliança, Castrolanda, e Victa. Os dados do ano de fundação de cada uma comparado com os atuais mostram uma evolução, tanto no número de matrizes e abates, como na quantidade de associados.



Ovinocultura planejada e duradoura

A partir da organização dos grupos de produtores, em associações e cooperativas, atividade no Estado registra crescimento sustentável

Carlos Guimarães Filho

Aos poucos, mas de forma planejada e duradoura, a carne de cordeiro tem conquistado espaço ao lado das tradicionais proteínas – bovina, suína e aves – no gosto dos consumidores. Os avanços registrados pela caçula do grupo têm ocorrido, principalmente, pela organização no lado de dentro da porteira. Para colocar o produto nas prateleiras dos supermercados e tornar a atividade mais segura e sustentável, produtores estão criando associações e/ou cooperativas.

Nos últimos anos, pelos menos cinco entidades ligadas à ovinocultura, em diversas regiões do Paraná, saíram do papel: Associação dos Criadores de Ovinos do Norte do Paraná (Ovinoforte), em Londrina; Cooperativa de Produtores de Ovinos e Caprinos dos Campos Gerais (Coopegera), em Ponta Grossa; Cooperaliança, em Guarapuava; Castro-

landa, em Castro; e Cooperativa Agroindustrial Victa, em Cascavel. No total, são cerca de 140 produtores que administram um plantel com aproximadamente 24 mil matrizes.

“As perspectivas são muito boas, pois durante a última década, vários grupos se organizaram pelo Estado, e isso foi fundamental para o crescimento da ovinocultura, devido à segurança que traz ao produtor”, destaca a professora Alda Lúcia Gomes Monteiro, coordenadora do Laboratório de Produção e Pesquisa em Ovinos e Caprinos (Lapoc) da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Em breve, a lista de entidades ligadas à ovinocultura irá ganhar mais um integrante. Desde o final do ano passado, produtores da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) estão realizando reuniões periódicas com a intenção de criar a Associação de Criadores de Colombo – um nome oficial



614 mil

era o tamanho do rebanho
de ovinos no Paraná em 2015.
No Brasil, eram 18,4 milhões
de animais no mesmo ano

está em discussão. O projeto, com assessoria do Sebrae, está em fase avançada de diagnósticos das propriedades dos envolvidos e planejamento para viabilizar o negócio.

“Queremos formar uma cooperativa e, para isso, estamos realizando reuniões semanais para debater o tema”, conta a zootecnista e produtora Susana Gilaverte Hentz, que entende do riscado. Os seus trabalhos de graduação, mestrado e doutorado envolveram diversos aspectos da ovinocultura, como nutrição, impacto ambiental e medicamentos. Além disso, Susana trabalhou no Lapoc durante a faculdade e também passou seis meses na Escócia, estudando a parasitologia nestes animais.

“A carne de cordeiro vem abrindo mercados e conquistando novos admiradores ano a ano. A ovinocultura é ideal para o pequeno proprietário rural. Vamos trazer



Ao lado do pai, Susana está envolvida com a ovinocultura há 14 anos. Projeto inclui início da produção na Lapa

técnicos e especialistas para formar no município um rebanho padrão, garantindo um produto de qualidade para atender o consumidor”, diz o secretário de Agricultura de Colombo, Marcio Toniolo. “Estamos em 16 produtores, mas queremos atrair mais gente da Região Metropolitana”, complementa Susana.

A criação de novas entidades tem permitido o crescimento do rebanho no Estado, algo fundamental para atender a demanda do mercado consumidor, sedento por esse tipo de proteína. De acordo com informações da Secretaria Estadual da Agricultura e do Abastecimento (Seab), o plantel do Paraná saltou de 511 mil cabeças, em 2005, para 614 mil em 2015 (dado mais recente), crescimento de 20%.

“[O rebanho] tem aumentado, mas a demanda ainda é muito maior que a oferta. O produto da carne de cordeiro é muito bem recebido e o consumo está crescente no Brasil”, aponta Alda. Atualmente, parte significativa do mercado interno é abastecida com carnes do Uruguai e Nova Zelândia.



6 mil

cabeças foram abatidas
pela Cooperaliança em
2016, quase sete vezes
mais que o primeiro ano de
funcionamento, em 2008



Desafios

Apesar do bom momento da atividade no Paraná, há uma série de desafios que precisam ser rompidos pela cadeia. A começar pelo combate ao abate clandestino, que acaba criando um mercado informal.

“Hoje é natural os produtores abaterem nas propriedades e venderem para os vizinhos. Isso não pode ocorrer, pois desregula o mercado”, alerta Susana. Inclusive, para minimizar esses efeitos, que o plano de criação de uma cooperativa de produtores da RMC inclui a possibilidade da construção de um abatedouro. “Um frigorífico está nos planos. Mas estamos desenvolvendo o estudo de viabilidade para saber se vale a pena ou abateremos com terceiros”, complementa.

Além de investimentos fora da porteira, a manutenção do crescimento da atividade passa pela capacitação dos produtores. O SENAR-PR oferece o curso Trabalhador na Ovinocultura – Manejo de Ovinos de Corte. De 2014 até março deste ano, 105 turmas já foram montadas nas mais diversas regiões do Paraná, com 1.153 produtores formados.

Outro fator crucial é a continuidade do crescimento do rebanho estadual. Essa é a meta traçada por todas as cooperativas e associações envolvidas com a atividade, que dependem dos animais para girar os abatedouros e tornar a atividade rentável.

Se depender de Susana e do pai dela, Manuel, conhe-

cido como Espanhol, animal para abate não irá faltar. Recentemente, a família comprou uma propriedade na Lapa, com a intenção de implantar a ovinocultura de corte. Na propriedade em Colombo, os 300 animais das raças Dorper, White Dorper e Santa Inês são comercializados como reprodutores e matrizes para Santa Catarina e outras regiões do Paraná.

“No primeiro momento, estamos montando uma estrutura na Lapa para plantar milho e produzir o alimento dos animais, o que irá reduzir custo. Mas ao longo dos próximos anos, queremos chegar a um plantel de mil cabeças”, diz Susana.

“Os desafios estão sendo superados por meio do trabalho em conjunto dos produtores, principalmente em função do cooperativismo e associativismo. Além disso, o apoio e ações de instituições como a FAEP, SENAR-PR, Sebrae e órgãos dos governos federal, estadual e municipais são importantes para todas as transformações registrada na cadeia”, ressalta a professora Alda Monteiro.

Jardim na berlinda

Produção de flores e plantas ornamentais tem grande potencial no Estado, mas precisa vencer desorganização do setor

André Amorim

Apesar de o Brasil ser considerado o celeiro do mundo, nem só de alimentos é feita nossa agricultura. Existe um segmento que vem crescendo nos últimos anos e que consegue feitos econômicos em pequenas áreas, difíceis de serem igualados por outras culturas: as plantas ornamentais.

O desempenho do segmento de flores e plantas ornamentais (sem computar a produção de grama) frente a outras atividades agrícolas se destaca pelo valor agregado da sua produção, que pode chegar a R\$ 60 por m²/ano. Além disso, o consumo destas plantas para decoração de eventos dobrou nos últimos cinco anos, mostrando que a demanda anda bem aquecida.

Porém, ainda há muito a fazer, principalmente no que se refere à organização desse setor. Segundo entrevista-

dos ouvidos pela reportagem, não é raro ver produtores competindo entre si de forma desordenada, prejudicando o mercado e enfraquecendo o segmento.

De acordo com a Análise da Conjuntura Agropecuária da safra 2015/16, elaborada pelo Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), no Brasil são cultivadas cerca de 350 espécies e 3 mil variedades de flores e plantas ornamentais. A área cultivada no país é de aproximadamente 14,9 mil hectares, nos quais 8,2 mil produtores atuam em pequenas propriedades, com áreas de 1,8 ha, em média.

A produção divide-se em plantas de corte (rosas, crissântemos, orquídeas etc.), plantas de vaso (azaleias, antúrios, begônias, violetas etc.) e plantas ornamentais (bruxus, cycas, cactos etc.).



Em 2014, o Produto Interno Bruto (PIB) da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no Brasil foi calculado em R\$ 4,51 bilhões, chegando a R\$ 10,2 bilhões se somar a movimentação financeira, e cerca de 190 mil empregos diretos. O dado é do “Mapeamento e Quantificação da Cadeia de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil”, estudo produzido em conjunto pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP), Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp) e Fundação para Pesquisa e Desenvolvimento da Administração, Contabilidade e Economia (Fundace).

De acordo com o estudo, o faturamento desse setor em 2014 foi de cerca de R\$ 5,4 bilhões. Em 2012 e 2013, esse montante foi de R\$ 4,8 bilhões e R\$ 5 bilhões, respectivamente. Um crescimento médio anual de 6,17%.

14,9 mil hectares

É a área destinada à produção de flores e plantas ornamentais no país



Estufas para produção de flores na Região Metropolitana de Curitiba

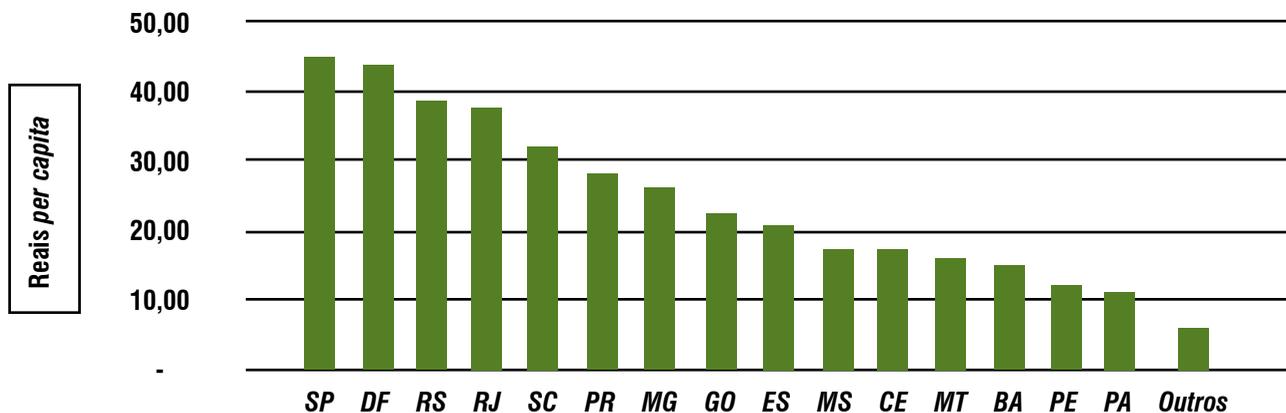
São Paulo lidera de longe a produção brasileira, respondendo por 37% do faturamento em 2014. Rio de Janeiro vem em seguida com 11% e depois Minas Gerais vem com 10%. O Paraná, naquele ano, respondeu por 6% do faturamento nacional.

A liderança paulista é facilmente explicada pela organização do setor. O estado de São Paulo concentra as maiores e mais modernas cooperativas de produtores de flores do país, como a Veiling Holambra e a Cooperflora. Também é o estado com o maior consumo *per capita* de plantas ornamentais. Em 2014, os paulistas gastaram R\$ 44,86 com esses produtos. No Paraná, o gasto anual por pessoa é de R\$ 29. Pouco comparado ao estado vizinho, mas ainda superior à média brasileira, calculada em R\$ 26 em 2013. Apesar de, comparativamente, o brasileiro consumir pouco

R\$ 4,51 bi

É a estimativa do Produto Interno Bruto (PIB) da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais no Brasil

Consumo *per capita*, em reais, de flores e plantas ornamentais nos estados brasileiros no ano de 2014



Fonte: Mapeamento e Quantificação da Cadeia de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil

(a média da Alemanha é de R\$ 195 per capita), esse é um setor que vem crescendo e se modificando.

Segundo o mapeamento, três fatores influenciaram transformações do consumo de flores e plantas ornamentais nos últimos anos. O espaço das residências diminuiu, eliminando muitas vezes os espaços ocupados por jardins. Houve um crescimento nos condomínios, que muitas vezes possuem projetos paisagísticos, tornando-se importantes nichos de consumo. Além disso, o gasto da população com a decoração de eventos cresceu sensivelmente. Os gastos com plantas em casamentos, formaturas e outras cerimônias dobraram nos últimos cinco anos.

Paraná

Em 2013, a Região Sul contava com 2.229 produtores de flores e plantas ornamentais (com exceção de gramas), o que corresponde a 28,6% do total brasileiro. No que se refere à área cultivada, o Sul detém 21,6% da participação nacional, tendo em primeiro lugar Santa Catarina, com 11,9%, seguida pelo Rio Grande do Sul (6,6%) e Paraná (3,1%). As informações são do Estudo Mercadológico produzido pelo Sebrae em 2015.

Segundo este estudo, o Paraná possuía naquele ano cerca de 160 produtores de flores e plantas ornamentais que cultivavam uma área de 420 hectares, gerando um Valor Bruto da Produção (VBP) em 2013 de R\$ 34,6 milhões.

De acordo com o instrutor do curso de Floricultura do SENAR-PR, Renato de Moura Correa, o perfil da produção paranaense é de pequenas propriedades, muitas vezes com produtores que mudaram de ocupação, saindo do cultivo de fumo e hortaliças em busca de melhor rentabilidade em uma pequena área.

Pelas próprias características da atividade, às vezes, a produção fica limitada a um determinado volume. “Tem muito produtor que poderia ampliar a produção, mas decidiu não fazer isso porque teria de contratar gente, o que inviabilizaria a atividade”, observa Correa. Segundo ele, na maioria dos casos a mão de obra é familiar.

Na opinião do biólogo Rogério Duílio Genari, que produz orquídeas em Campo Largo (Região Metropolitana de Curitiba), o custo mais pesado da produção está na mão de obra. “Hoje é inviável trabalhar em pequena escala e ter funcionário”, diz.

Há 19 anos na atividade, ele transformou o hobby de cultivar orquídeas em um negócio e hoje cultiva mais de



Na propriedade de Rogério Genari as orquídeas atraem colecionadores de diversos municípios

500 espécies diferentes da flor em uma área de 6 mil m² de estufa. As vendas são feitas diretamente para o consumidor, em sua maioria colecionadores e aficionados por orquídeas, que adquirem pela internet, ou diretamente na propriedade, que promove eventos sazonais aliando o turismo rural à floricultura.

Segundo Genari, há 20 anos havia cerca de 100 produtores de flores na sua região. “Hoje não passa de meia dúzia”, afirma. O motivo do desmonte da produção local, na sua opinião, foi a entrada de grandes redes de supermercados no negócio, que conseguem adquirir grandes volumes do produto com preços muito competitivos. De acordo com o Mapeamento e Quantificação da Cadeia de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil, as vendas em supermercados ficaram em R\$ 385,2 milhões em 2014.

Para o biólogo, por conta da concorrência, hoje ele comercializa suas flores a um preço inferior ao que comercializava há 10 anos. A informação de quantas flores comercializa por mês ele guarda a sete chaves, talvez por saber que neste setor a competição nem sempre é leal. “Falta união do setor, é um querendo derrubar o outro”, lamenta.

A paixão por orquídeas também está na gênese da empresa Bertoldi Ornamentais, localizada em Piên (Região Metropolitana de Curitiba). Segundo o produtor Sandro Bertoldi, seu pai Alvino iniciou o cultivo das flores há 22 anos, passando depois para as plantas ornamentais. Nesse processo, contou a seu favor a experiência como orientador agrícola da empresa Souza Cruz, na produção de fumo.

Hoje, a empresa da família conta com cerca de 14 hectares em campo aberto para a produção de plantas. Não comercializa no varejo. Seus clientes dividem-se entre floriculturas e distribuidores, que compram as plantas para revender às floriculturas.

Assim como o colega de Campo Largo, Bertoldi também observa uma grande desorganização no setor. “O produtor de fundo de quintal acaba produzindo uma grande

“O produtor de fundo de quintal acaba produzindo uma grande quantidade, mas ele não faz conta, não sabe seu custo de produção.”

Sandro Bertoldi, produtor

quantidade, mas ele não faz conta, não sabe seu custo de produção”, avalia. Com isso, uma grande quantidade de produtos acaba indo para o mercado com preço inferior ao custo de produção. “Tivemos que baixar o preço para competir com o fundo de quintal”, afirma.

É o caso do buxinho, arbusto amplamente utilizado em jardinagem e paisagismo. Segundo Bertoldi, o custo de produção desta planta parte de R\$ 5. No entanto, há quem coloque no mercado por menos. “Quem tem custo fixo tem de vender o suficiente para pagar as contas. Se vender menos, você não paga as contas, mas se vender a mais, você aumenta seu prejuízo em relação ao custo”, observa.

Outro problema é que estas produções informais não seriam fiscalizadas, uma vez que os órgãos de vigilância não têm conhecimento de onde atuam. Só os produtores

Principais espécies da Cadeia Produtiva de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil em 2014

CATEGORIAS	PRINCIPAIS ESPÉCIES E GRUPOS DE PLANTAS
Flores e folhagem de corte	Astroemeria, Lírio, Crisântemo, Rosa, Gérbera, Boca de Leão, Lisianto, Gipsófila, Cravo, Folhagem, orquídeas, Helicônia, Protea e Solidago
Flores e plantas de vaso	Antúrio, Lírio, Begônia, Kalanchoe, Kalanchoe Dobrado, Violeta, Denphalaen, Azaleia, Rosa, Phalaenopsis, Crisântemo
Plantas ornamentais e para paisagismo, exceto grama	Forração, cactos e suculentas, Raphis, Phoenix, Cyca, Podocarpus, Buxus, Trachycarpus e arbustos diversos

Fonte: Mapeamento e Quantificação da Cadeia de Flores e Plantas Ornamentais do Brasil



Buxinhos destinados a ornamentação são amplamente cultivados no Paraná

devidamente registrados e legalizados entram no radar da fiscalização. Além disso, Bertoldi salienta que nos últimos três anos a margem da atividade encolheu. “O preço das plantas caiu cerca de 30% enquanto os insumos subiram 50%”, calcula.

Exportação

Em busca de novos horizontes comerciais, Bertoldi realizou no ano passado sua primeira experiência com exportação de plantas ornamentais. Ele enviou três contêineres de cyca para a Espanha, num total de 2,6 mil mudas, experiência que considerou “mais árdua do que esperava”. A grande dificuldade foi enfrentar a incerteza quanto aos despachos aduaneiros, isso porque é muito comum greve nos portos, aumentando os custos da exportação e gerando atrasos no envio da mercadoria. Outro grande problema, segundo ele, está na legislação que rege a exportação de flores, frutas e hortaliças, que precisa ser adaptada para a exportação de plantas ornamentais, o que, segundo ele, gera dificuldades de interpretação.

Apesar da bem-sucedida experiência, o empresário não sabe se voltará a repetir a negociação. “Se colocar na ponta do lápis, não vale à pena. É muito risco para pouco retorno”, avalia.

Desorganização

A falta de organização formal da produção de plantas ornamentais leva à perda da competitividade do setor. Com a oferta desordenada de produtos sem a boa estruturação do acesso ao mercado, a competição entre os produtores ganha ares de canibalismo. O relato de um dos entrevistados da reportagem (que preferiu não identificar) evidencia bem este quadro.

Segundo ele, um cliente estava chegando em sua propriedade com o caminhão, quando foi parado na estrada por um produtor vizinho que estaria vendendo as mesmas plantas pela metade do preço. Como se tratava de um cliente de longa tradição e confiança, não aceitou a oferta, porém, chegando ao produtor lamentou a situação, uma vez que outro distribuidor poderá adquirir aquelas plantas com baixo valor e, na hora de vender ao consumidor final, conseguirá oferecer os produtos a um preço mais competitivo.

Além disso, atuando de forma conjunta e organizada, os produtores poderiam realizar compras coletivas, com menor preço, dividir os custos da assistência técnica e até mesmo trabalhar a identidade de uma região para fortalecer o marketing da produção local.



Desventuras em série

O explorador Ernest Shackleton e sua tripulação pretendiam cruzar a Antártica, mas acabaram ficando quase dois anos à deriva

A corrida pela conquista da Antártica atraiu aventureiros e exploradores de todas as partes do mundo. A disputa para ser o primeiro ser humano a chegar no Pólo Sul marcou os primeiros anos do século passado. A façanha coube ao norueguês Roald Amundsen, que alcançou o local em 1911. As expedições ao continente gelado exigiam planejamento, recursos financeiros e participantes corajosos, dispostos a enfrentar as diversidades da região para entrarem para a história. Muitos desistiram no meio do caminho, outros pagaram com a vida a ousadia de desafiar o clima hostil da Antártica.

O irlandês Ernest Shackleton tem um capítulo especial na saga dos desbravadores do continente. Em 1901, ele integrou a expedição de Falcon Scott, na tentativa frustrada de chegar ao Pólo Sul. Voltou em 1907, quando comandou uma expedição marcada por erros de planejamento, como levar cavalos para andar sobre a neve em vez de trenós puxados por cães e não ter levado equipamento de alpinismo para vencer as montanhas do continente. Mesmo assim, desistiu da aventura quando faltavam 150 quilômetros para alcançar o pólo, preocupado com a vida de seus homens, famintos e sofrendo de cegueira das neves.

Com a conquista de Amundsen, Shackleton decidiu realizar uma façanha ainda mais arrojada: cruzar o continente de uma ponta a outra. Em 1914, teve início a Expedição Imperial Transantártica. Shackleton e 27 homens partiram a bordo do veleiro Endurance para o Extremo Sul do planeta. Para evitar erros do passado, o irlandês reuniu uma tripulação experiente. Faziam parte do grupo fotógrafo, um biólogo, um físico, um geólogo, um meteorologista e dois médicos. Shackleton também usou de métodos pouco ortodoxos, como se determinado candidato sabia cantar, na escolha da tripulação.

A preocupação dele era ter uma equipe unida e preparada para enfrentar as intempéries da jornada. O Endurance partiu no dia 8 de agosto de 1914, de Buenos Aires, Argentina, rumo a Antártica. Quando chegaram a ilha Geórgia do Sul, território britânico no Atlântico Sul, a última escala antes do continente gelado, receberam informações sobre um imenso banco de gelo que tornava a navegação na região quase impossível. Shackleton decidiu esperar o verão para retomar a aventura. No dia 5 de dezembro, já estava navegando nas águas geladas do Mar de Weddell. Dois dias depois encontraram o banco de gelo.

O Endurance seguiu viagem e a equipe tentou contornar o obstáculo por semanas. Shackleton acreditava que desta forma alcançaria a Baía de Vahsel, onde pretendia desembarcar com seis homens e 69 cães para iniciar a caminhada polar. No dia 19 de janeiro de 1915, a tripulação foi acordada com a notícia de que o banco de gelo se fechara em torno do navio e o Endurance estava bloqueado. O navio foi arrastado por correntes marinhas e os navegantes acabaram desviados de sua rota. Após quase dois anos de isolamento, Shackleton e sua tripulação conseguiram chegar à Ilha Elephant. Mas continuavam náufragos.

O comandante partiu em um bote em direção de Geórgia do Sul, a cerca de a 1,3 mil quilômetros de distância, em busca de socorro. Deixou para trás 22 integrantes da tripulação. Quatro meses depois, Shackleton conseguiu retornar à Ilha Elephant, reencontrado todos os tripulantes vivos. No dia 8 de outubro de 1916, todos desembarcaram em Buenos Aires, o ponto final da expedição. As desventuras da Expedição Imperial Transantártica foram documentadas por fotografias, tiradas pelo australiano Frank Hurley. Em 1921, Shackleton tentou voltar à Antártica, mas doente, acabou morrendo ao chegar em Geórgia do Sul, onde está enterrado.





UTI de tratores

Produtor dos Campos Gerais adquire maquinários antigos para restaurar. Acervo com 13 unidades está exposto em um minimuseu dentro da propriedade

Carlos Guimarães Filho



Na agricultura moderna, o papel das máquinas agrícolas no desempenho das lavouras é inquestionável. Para o produtor Manoel Henrique Pereira Junior, de Palmeira, nos Campos Gerais, a admiração por esses equipamentos vai além do uso no plantio e na colheita. Tanto que um antigo galpão da propriedade, construído há mais de 50 anos para ser um paiol, foi transformado em minimuseu para acolher os 13 tratores produzidos antes da década de 1960, e que passaram por um longo processo de restauro até voltarem a funcionar.

O hobby de Pereira começou décadas atrás com um John Deere 1949, comprado zero quilômetro pelo avô Henrique Pereira. Após anos de serviços prestados na propriedade em Palmeira, a máquina acabou aposentada e encostada num canto. Até Manoel resolver restaurar para preservar a história da fazenda, comprada em 1958 pelo avô. “Tudo começou com esse John Deere”, afirma, orgulhoso da coleção de máquinas antigas.

“Eu sempre gostei de mecânica. E meu pai sempre gostou de guardar coisas. Acabamos juntando as duas paixões.”

Manoel Henrique Pereira Junior, produtor e colecionador



John Deere 1949 foi o primeiro trator a ser restaurado, o Fordson 1917 está completando 100 anos da fabricação e o Ford 641 Workmaster é o último exemplar integrado ao acervo

A rotina do colecionador inclui o monitoramento das redes sociais para identificar “carcaças” de tratores antigos, em qualquer parte do país, que podem fazer parte do acervo. Foi assim com a última máquina incorporada à coleção, um Ford 641 Workmaster, fabricado em 1956.

“Descobri esse em Irati. Um vendedor de cerca comentou e eu fui atrás. Comprei em 2014 por R\$ 5 mil de um ferro velho. Foram anos de trabalho para deixar no estado original”, conta Pereira. “Esse tipo de trabalho não pode ter pressa”, complementa.

O acervo ainda conta com, por exemplo, um Farmall produzido em 1956 nos Estados Unidos. Na época, o motor flex – diesel e gasolina – era fundamental por conta da temperatura de 30 graus negativos de áreas agrícolas do Corn Belt. O modelo mais antigo do grupo é um Fordson 1917, ou seja, que está completando 100 anos.

Para viabilizar a transformação das máquinas, que chegam em estado “bem judiado”, Pereira montou uma rede de fornecedores, principalmente fora do Brasil. A maioria das peças é encomendada nos Estados Unidos. Além disso, o produtor se especializou na arte de restauro de má-

quinas. Suas leituras de cabeceiras incluem dois grossos volumes, um manual sobre peças antigas e outro sobre máquinas agrícolas produzidas no século passado.

Apoio paterno

A paixão de Pereira pelos tratores antigos sempre contou com o apoio do pai Manoel Henrique “Nonô” Pereira, um dos criadores do Plantio Direto na Palha (PDP), falecido em setembro de 2015. Na verdade, o trabalho de restauro permitiu unir, ainda mais, as duas gerações da família.

“Eu sempre gostei de mecânica. E meu pai sempre gostou de guardar coisas. Acabamos juntando as duas paixões”, relembra. “O trabalho de restauro permitiu que passássemos ainda mais tempo juntos.”

Hoje, Pereira mantém os tratores em exposição, aberto aos interessados, como uma forma de preservar a história da família e mostrar às gerações atuais, as dificuldades de produzir no passado.

“Tem muito produtor que me procura para comprar os tratores. Mas essas máquinas têm muito mais valores sen-



Farmall norte-americano tem motor flex. Trator na cor amarela parece um mini tanque de guerra e alguns exemplares chegam “judiados” para posterior restauro



timental e histórico do que financeiro”, ressalta o colecionador. “Por meio destas máquinas, quero que as pessoas valorizem o trabalho dos antecessores”. A fazenda recebe grupo de alunos e curiosos todos os meses. É preciso agendar.

Novos integrantes

Nos próximos anos, o acervo do minimuseu irá aumentar. Atualmente, três tratores aguardam em um galpão utilizado como oficina, chamado carinhosamente de UTI, para serem restaurados. O primeiro da fila é um Fordson Major de 1954, que estava “enterrado” debaixo de um barracão destruído em Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul. “Fiquei sabendo dele em um site de vendas. Já comecei a pedir as peças”, diz Pereira. Os outros são dois John Deere, um 820 de 1956 e um 4020 de 1966.

Apesar de um rico acervo, Pereira carrega um lamento: não possui um exemplar da Companhia Brasileira de Tratores (CBT), que chegou a ser a maior fabricante de tratores da América Latina, mas faliu em 1995. Na década de 1970, ainda no plantio convencional, nove CBTs estavam em ati-

vidade na fazenda em Palmeira. “Mas não guardamos nenhum para restaurar”, lamenta. “Mas se alguém souber de algum perdido por aí, favor entrar em contato. Se for doação, melhor ainda”, avisa o colecionador.

13

tratores compõem o acervo do minimuseu na propriedade. Outras três ‘carcaças’ aguardam na oficina para serem restaurados



Aplicativo SENAR em Campo

Um aplicativo para smartphones e tablets vai permitir que produtores, trabalhadores rurais, técnicos de campo e instrutores tenham acesso à coleção completa do SENAR em Campo – vídeos de curta duração, com abordagem de temas técnicos em diferentes cadeias produtivas, elaborados pela equipe de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG). A lista já conta com 10 temas, que podem ser assistidos

no site do SENAR e no YouTube: Cuidados na ordenha de vacas leiteiras; Cuidados na vacinação de bovinos; Cura do umbigo; Controle natural de pragas; Controle de berne, Carrapato e mosca dos chifres; Gestão de Empresas Rurais; Cadastro Ambiental Rural; Como combater a mosca da fruta; Como realizar a biometria e classificação na piscicultura e Como realizar o povoamento na piscicultura. O aplicativo SENAR em Campo está disponível nas plataformas iOS (iOS 8.0 ou posterior, compatível com iPhone, iPad e iPod touch) e Android (Android 4.4 ou superior). Para instalá-lo, basta baixar a ferramenta na AppStore ou pelo Google Play.

Osmar Dias na FAEP

O ex-senador Osmar Dias visitou a sede da FAEP, no dia 4 de abril, onde se reuniu com o presidente da entidade, Ágide Meneguette. No encontro, os dois conversaram sobre as conjunturas econômicas do país. Dias, que também é produtor rural, já foi secretário de Agricultura do Paraná nas gestões de Alvaro Dias (1987-1990) e Roberto Requião (1991-1994), e até julho do ano passado ocupava o cargo de vice-presidente de Agronegócios e Micro e Pequenas Empresas do Banco do Brasil.



Campanha contra surto de febre amarela

O SENAR desenvolveu um informativo sobre a febre amarela para ser distribuído para a população rural do Brasil. O material mostra os principais sintomas, o tratamento e o esquema de vacinação que está sendo disponibilizado pelo governo federal para enfrentar o surto da doença. Até o dia 29 de março, o Ministério da Saúde já tinha a confirmação de 574 casos, a maior parte concentrada na região Sudeste do país. Ao todo, já são 187 casos de mortes confirmadas pela doença. A febre amarela é uma doença infecciosa febril aguda, causada por um arbovírus (vírus

transmitido por artrópodes), que pode levar à morte em aproximadamente uma semana se não for tratada rapidamente. O informativo do SENAR ficará disponível na internet e cada regional da instituição vai receber um arquivo para produzir o material de acordo com a necessidade local.



Representação em Conselho Universitário da UENP

A tesoureira do Sindicato Rural de Jacarezinho (Norte Pioneiro), Antonieta Di Paolo Olivieri, é a nova representante das classes patronais junto ao Conselho Universitário (Consuni), da Universidade Estadual do Norte Pioneiro (UENP). Advogada de formação, ela passou a integrar o colegiado no dia 27 de março e segue como representante até março de 2019. O Consuni é o órgão máximo de função normativa,

deliberativa e de planejamento da UENP nos planos acadêmico, administrativo, financeiro, patrimonial e disciplinar.



Fiscalização mais rígida

O governo federal alterou o Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Riispoa), que era de 1952. O decreto assinado pelo presidente Michel Temer e pelo ministro da Agricultura, Blairo Maggi, reduz o regulamento de 952 para 542 artigos e institui penalidades leve, moderada, grave e gravíssima. Os estabelecimentos industriais que cometerem penas graves ou gravíssimas poderão ser interditados e ter seu registro de funcionamento cassado. O Riispoa é um conjunto de regras que guia a fiscalização agropecuária em unidades industriais que fabricam alimentos de produtos de origem animal.



Análise da qualidade do leite

A Associação Paranaense de Criadores de Bovinos de Raça Holandesa (APCBRH) adquiriu uma analisadora eletrônica de leite. O equipamento vai aumentar o controle de qualidade do produto no Paraná. O investimento foi de R\$ 1,5 milhão. A nova máquina tem capacidade para fazer 600 análises de leite por hora e identifica o índice de gordura, proteína, lactose, sólidos, ureia, caseína, além contagem de células somáticas. O laboratório da associação atende produtores de leite de todo o Paraná, independente da raça do animal. Segundo o secretário de Agricultura, Norberto Ortigara, o monitoramento da matéria-prima é fundamental para dar maior garantia ao processamento dos produtos lácteos, assim como também para o leite in natura.

Conselho dos produtores de cana-de-açúcar do Estado do Paraná / CONSECANA-PR

RESOLUÇÃO Nº 13 - SAFRA 2016/17

Os conselheiros do Consecana-Paraná reunidos, no dia 30 de março de 2017, na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga o preço do ATR realizado em março de 2017 e o valor final do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2016/17.

Os preços médios do Kg do ATR, por produto, obtidos no mês de março de 2017, conforme levantamento efetuado pelo Departamento de Economia Rural e Extensão da Universidade Federal do Paraná, são apresentados a seguir:

PREÇO DO ATR REALIZADO EM MARÇO 2017 - SAFRA 2016/17 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,20%	61,29	1,08%	60,23
AME	3,96%	63,06	51,69%	54,38
EAC - ME	3,52%	2.167,06	1,26%	2.021,51
EAC - MI	45,47%	1.797,87	19,82%	1.848,80
EA - of	0,15%	1.882,50	0,05%	1.860,77
EHC - ME	0,00%	-	0,17%	1.859,14
EHC - MI	45,20%	1.562,56	25,42%	1.601,26
EH - of	0,51%	1.622,01	0,50%	1.543,48
obs: EAC - ME + MI + of				
	49,13%	1.824,55	21,13%	1.859,13
EHC - ME - MI + of				
	45,71%	1.563,22	26,09%	1.601,88

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mês		Acumulado	
	Mix	Preço	Mix	Preço
AMI	1,20%	0,6950	1,08%	0,6829
AME	3,96%	0,7179	51,69%	0,6191
EAC - ME	3,52%	0,7624	1,26%	0,7112
EAC - MI	45,47%	0,6325	19,82%	0,6504
EA - of	0,00%	0,6623	0,17%	0,6547
EHC - ME	0,00%	-	0,17%	0,6826
EHC - MI	45,20%	0,5737	25,42%	0,5879
EH - of	0,51%	0,5956	0,50%	0,5667
Média		0,6145		0,6191
obs: EAC - ME + MI + of				
	49,13%	0,6419	21,13%	0,6541
EHC - ME - MI + of				
	45,71%	0,5740	26,09%	0,5882

PREÇO DO ATR REALIZADO EM MARÇO 2017 - SAFRA 2016/17 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	1,08%	60,23
AME	51,69%	54,38
EAC - ME	1,26%	2.021,51
EAC - MI	19,82%	1.848,80
EA - of	0,05%	1.860,77
EHC - ME	0,17%	1.859,14
EHC - MI	25,42%	1.601,26
EH - of	0,50%	1.543,48

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	1,08%	0,6829
AME	51,69%	0,6191
EAC - ME	1,26%	0,7112
EAC - MI	19,82%	0,6504
EA - of	0,05%	0,6547
EHC - ME	0,17%	0,6826
EHC - MI	25,42%	0,5879
EH - of	0,50%	0,5667
Média		0,6191

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA

R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	67,60	75,51
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	67,60	75,51

Curitiba, 30 de março de 2017

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Presidente

PAULO ROBERTO MISQUEVIS / Vice-Presidente

Conselho dos produtores de cana-de-açúcar do Estado do Paraná / CONSECANA-PR

RESOLUÇÃO Nº 01 - SAFRA 2017/18

Os conselheiros do Consecana-Paraná reunidos, no dia 30 de março de 2017, na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga a projeção da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2017/18, que passam a vigorar a partir de 1º de abril de 2017.

PREÇO DO ATR REALIZADO EM MARÇO 2017 - SAFRA 2016/17 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	0,00%	-
AME	53,40%	63,35
EAC - ME	0,00%	-
EAC - MI	19,94%	1.771,61
EA - of	0,00%	-
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	26,66%	1.577,75
EH - of	0,00%	-
Média		

obs: EAC - ME + MI + of 19,94% 1.859,13
EHC - ME - MI + of 26,66% 1.859,13

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	0,00%	-
AME	53,40%	0,7212
EAC - ME	0,00%	-
EAC - MI	19,94%	0,6233
EA - of	0,00%	-
EHC - ME	0,00%	-
EHC - MI	26,66%	0,5793
EH - of	0,00%	-
Média		0,6639

obs: EAC - ME + MI + of 19,94% 0,6233
EHC - ME - MI + of 26,66% 0,5793

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	72,50	80,97
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	72,50	80,97

Curitiba, 30 de março de 2017

PAULO ROBERTO MISQUEVIS / Presidente

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Vice-Presidente



BANDEIRANTES

TRATORES

O Sindicato Rural de Bandeirantes promoveu, nos dias 22 e 23 de março, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas (Tratorista Agrícola) – Operação de Implementos. Participaram 11 pessoas com o instrutor Marcio Duessmann.



RIBEIRÃO DO PINHAL

POSSE

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal empossou, no dia 24 de março, a nova diretora eleita para o triênio 2017/2020, que tem como presidente Ciro Tadeu Alcântara.



ABATIÁ

AGRINHO

No dia 24 de março, o Sindicato Rural de Abatiá realizou a entrega do material do Programa Agrinho 2017. Estiveram presentes lideranças rurais e representantes do setor de educação.



ANDIRÁ

PRIMEIROS SOCORROS

O Sindicato Rural de Andirá, em parceria com a Padeígis Agrícola, promoveu, nos dias 9 e 10 de março, o curso Trabalhador na Segurança do Trabalho – Primeiros Socorros. Participaram 12 pessoas com o instrutor Guilherme Borotta de Campos.



GUARAPUAVA

PRESTAÇÃO DE CONTAS

O Sindicato Rural de Guarapuava realizou, no dia 24 de março, Assembleia Geral Ordinária para prestação de contas da entidade. Durante a reunião foram apresentadas as principais atividades realizadas pelo Sindicato, as contas (despesas e receitas) de 2016 e a proposta orçamentária para 2017.



CIANORTE

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 9 e 11 de fevereiro, o curso Aplicação de Agrotóxicos – NR 31.8. Participaram 11 trabalhadores rurais com o instrutor Jorge Luiz dias Alves.



SÃO MATEUS DO SUL

JAA

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul iniciou, em fevereiro, mais uma turma do programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) – Preparando para a Gestão. Os participantes são alunos do colégio Lajeado e a instrutora é Daniele Horszyn.



UBIRATÃ

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Ubatã promoveu, entre os dias 29 e 31 de março, o curso Trabalhador de Aplicação de Agrotóxicos – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 14 pessoas com o instrutor Jorge Luiz Dias Alves.

VIA RÁPIDA

As Fadas de Cottingley

Hoje, qualquer adolescente é capaz de manipular imagens no computador ou por meio de aplicativos para celulares. Mas imagine o efeito que um conjunto com cinco fotografias tiradas pelas primas Elsie Wright (1901-1988) e Frances Griffiths (1907-1986) provocou no longínquo 1917. As duas meninas viviam em Cottingley, na Inglaterra. Elsie, de 16 anos, e Frances, de 10, à época, tiraram algumas fotos em jardim com a máquina fotográfica do pai de Elsie. Nas fotos, as duas aparecem cercadas por fadas. A Inglaterra vivia a Primeira Guerra Mundial e a notícia sobre as fotografias, que ficaram conhecidas com as Fadas de Cottingley, ganharam grande repercussão, chamando a atenção inclusive do escritor Arthur Conan Doyle, criador do detetive Sherlock Holmes. Doyle escreveu artigo defendendo que as fotografias haviam captado fenômenos psíquicos. Apenas no começo dos anos 1980, é que Elsie e Frances admitiram que haviam manipulado as imagens e que as fadas tinham sido recortadas de um livro infantil.



Pequeno, mas poderoso

Um pequeno peixe ornamental chamado blênio dente-de-sabre está ajudando na pesquisa para a produção de um novo analgésico capaz inibir dores. O estudo, publicado na revista científica *Current Biology*, afirma que o veneno do peixinho, que mede cerca de 10 cm, possui substâncias que atuam como a morfina e a heroína, provocando queda na pressão sanguínea e paralisando as suas vítimas. O blênio dente-de-sabre é aparentemente inofensivo, mas quando usa seus afiados e longos dentes para se defender, injetam o poderoso veneno em seus predadores. Mas a extração da substância pelos pesquisadores não foi fácil. O bicho, quando ataca, injeta uma ínfima quantidade, tornando a tarefa de coletar o veneno para a análise muito complicada. Os cientistas usaram uma haste com algodão para “provocar” o peixe até ele morder a isca. Após o ataque, o algodão era colocado em uma solução para retirar a substância tóxica.



Se a moda pega

Na China, o engenheiro especialista em inteligência artificial Zheng Jiajia “oficializou” sua relação com uma mulher-robô. Yingying, a androide, foi construída por Zheng, em 2016. Segundo ele, os dois começaram a relação há dois meses. A cerimônia de casamento, com direito a banquete e presentes, foi assistida por parentes, amigos e colegas de universidade. Apesar da felicidade dos recém-casados, a união não tem valor legal. As leis chinesas ainda não contemplam casamentos entre humanos e andróides. Zheng, de 31 anos, optou por construir a própria esposa pressionado pela família para que se casasse. Yingying, a noiva, é capaz de falar mediante uma conexão a um computador com textos e arquivos de áudio armazenados. Os dois juraram viver até que a morte os separe. No caso dela, até que a bateria acabe.





Amor eterno

Há 23 anos, o espanhol José Luis Casaus, 64 anos, publica um pequeno texto no jornal El País, sempre no dia 21 de março, em homenagem à mulher Elena Lupiáñez

Salanova, que morreu por causa de câncer no pulmão nesta data, em 1994. Nos anúncios, Casaus fala de seus filhos, os gêmeos Yuri e Boris, que tinham 6 anos quando a mãe morreu. Para Casaus, as publicações são uma forma de prolongar a relação com a esposa.

Chorinho de bebê

Um estudo com 8,7 mil bebês na Alemanha, Dinamarca, Canadá, Japão, Itália, Holanda e Inglaterra apontou que os recém-nascidos italianos, ingleses, holandeses e canadenses são os mais chorões. Na pesquisa sobre quanto os bebês choram durante seus primeiros três meses de vida, psicólogos criaram a primeira tabela universal para a quantidade normal de choro durante esse período. “Bebês já são muito diferentes em quantidade de choro nas primeiras semanas de vida. Nós podemos aprender olhando para culturas em que há menos choro, seja por causa da criação ou outros fatores relacionados às experiências durante a gravidez ou genética”, afirma o pesquisador Dieter Wolker. O maior nível de cólica foi encontrado em bebês na Inglaterra, Canadá e Itália. Já os menores níveis estão na Dinamarca e Alemanha. O nível alto de cólica, segundo a pesquisa, é definido como choro por mais de três horas por dia ao menos três dias por semana.



E Deus criou Curitiba

Deus, numa segunda-feira, criou Curitiba. Bom, pelo menos assim pensam os curitibanos.

Com seus parques, praças, muito topete e gente devagar no trânsito.

E Deus a achou monótona e então, na terça-feira, criou o inverno. Com sua brancura, cachecóis e um bom vinho, para os curitibanos se sentirem europeus.

Mas achou o frio muito triste, e na quarta-feira criou a primavera, florida e colorida para enfeitar os parques e praças dos europeus... ops, curitibanos.

Mas Deus a achou bucólica demais e na quinta-feira criou o Verão, alegre e saudável para fazer os curitibanos sorrirem.

Mas o achou seco demais e na sexta-feira criou o outono. Farto e ameno para se confortarem.

Então Deus achou tudo muito distante e, no sábado, misturou tudo.

Fez o inverno, a primavera, o verão e o outono reinarem no mesmo dia em Curitiba, para que tudo tivesse seu tempo e sua vida.

E no domingo Deus descansou. Na verdade, Deus caiu de cama, pois não sabia que tinha acabado de criar a gripe, a rinite, o resfriado e a sinusite.



UMA SIMPLES FOTO





O cesto e a água

Em um mosteiro chinês, o discípulo se aproxima do mestre e pergunta:

– Por que devemos ler, estudar, considerar e refletir sobre a sabedoria se nós não conseguimos memorizar tudo e, com o tempo, acabamos por esquecer? Somos obrigados, constantemente, a relembrar o que já não está nas nossas memórias.

O mestre ficou uns instantes em silêncio, fitando o horizonte e depois ordenou ao discípulo:

– Pegue aquele cesto de junco, desça até o riacho, encha o cesto de água e traga-o até aqui.

O discípulo olhou para o cesto sujo e achou muito estranha a ordem do mestre, mas mesmo assim obedeceu.

Pegou o cesto, desceu os cem degraus da escadaria do mosteiro até o riacho, encheu o cesto de água e começou a subir de volta. Como o cesto era todo cheio de furos, a água foi escorrendo e quando o discípulo chegou até o mestre já não restava mais nada.

O mestre perguntou-lhe:

– Então, meu filho, o que aprendeste?

O discípulo olhou para o cesto vazio e disse jocosamente:

– Aprendi que cesto de junco não segura água.

O mestre ordenou-lhe que repetisse o mesmo processo.

Quando o discípulo retornou com o cesto vazio outra vez, o mestre fez a mesma pergunta:

– Então, meu filho, o que aprendeste?

O discípulo respondeu com um certo sarcasmo:

– Que cesto furado não segura água!

O mestre, então, continuou a pedir ao discípulo que repetisse a tarefa.

Depois da décima vez, o discípulo estava exausto de tanto descer e subir as escadarias. Porém, quando o mestre lhe perguntou de novo:

– Então, meu filho, e agora, o que aprendeste?

O discípulo olhou para dentro do cesto e percebeu admirado:

– O cesto está limpo!

Apesar de não segurar a água, a repetição constante de encher o cesto acabou por lavá-lo e deixá-lo limpo.

O mestre, por fim, concluiu:

– Não importa que não consigas memorizar todos os ensinamentos adquiridos ao longo de tua vida. No processo de te conectares diversas vezes à sabedoria, a tua mente e o teu coração vão se depurando. Inúmeros preconceitos se abrandam; a intolerância cede lugar à lucidez; a oposição e competição gratuitas e infundadas, à cooperação. Nesse processo, o homem vai sendo continuamente tocado pela sabedoria, vai se “limpando” dos seus aspectos grotescos e sombrios e torna-se verdadeiramente humano.

Autor desconhecido

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

•FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

•SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

